

«O ser humano deixa sempre rasto.
E ninguém existe sem a sua sombra...»

«Esquecemos o que mais queremos lembrar
e lembramos o que mais queríamos esquecer...»

GRAFFITI EM FACHADAS DE EDIFÍCIOS DE NOVA IORQUE

Prólogo

Esta história começa com um repentino acesso de raiva.

Não obstante, minutos antes a calma matinal reinava na secretaria do governo sueco, onde o acontecimento teve lugar. A causa de tudo aquilo fora um relatório entregue na noite anterior, que o primeiro-ministro sueco lia agora, sentado à sua secretária de madeira escura.

Estava-se na primavera de 1983, de manhã cedo, em Estocolmo; uma neblina húmida e indefinida pairava sobre a cidade e sobre as árvores, que ainda não tinham começado a florescer. No gabinete do primeiro-ministro falava-se, naturalmente, do tempo, tal como acontecia em qualquer outro local de trabalho. Åke Leander, que trabalhava como contínuo nos mais recônditos domínios da secretaria do governo, era a pessoa a quem todos se dirigiam quando se tratava do tempo e das suas manifestações. Dispunha sempre, segundo o que se dizia, da informação meteorológica mais fiável.

Alguns anos antes, tinham concedido um título a Leander que soava mais distinto que o de simples contínuo: «expedidor de repartição» ou algo semelhante. No entanto, ele continuava a considerar-se contínuo e não sentia a mais pequena necessidade de uma nova denominação profissional.

Åke Leander estivera sempre ali, na proximidade dos primeiros-ministros e dos secretários de Estado, antigos e atuais, como uma peça do inventário, cumpridor e discreto. Houve quem propusesse, a brincar, que, depois da sua morte, fosse nomeado santo padroeiro da secretaria do governo, um fantasma simpático que zelasse pelo esforço de governar esse país que se chamava Suécia.

O facto de Åke Leander saber tanto sobre o clima devia-se ao seu passatempo favorito nas horas livres. Era solteiro, morava num apartamento mediano em Kungsholmen, e era dali que se mantinha em

contacto com uma rede de amigos internacionais com quem comunicava através de emissões entusiásticas de radioamadorismo. Desde longa data que sabia de memória a maior parte dos códigos utilizados na gíria dos radioamadores. Não só que QRT significava «interromper emissão» ou que AURORA indicava interferências na emissão e recepção por causa de uma aurora boreal de alta frequência. Quase todas as noites, punha os auriculares e enviava o seu QRZ: «Está a ser chamado por...» seguido do seu nome. Circulava uma lenda que dizia que numa ocasião, há muitos anos, o então primeiro-ministro precisara, por motivo desconhecido, de saber a previsão do tempo para os meses de outubro e novembro em Pitcairn, uma ilha remota do oceano Pacífico onde os marinheiros amotinados contra o capitão Bligh, do *Bounty*, tinham queimado o navio sequestrado, ficando a viver na ilha para sempre. No dia seguinte à consulta, Åke Leander comunicou ao primeiro-ministro os dados meteorológicos que solicitara. E, naturalmente, não lhe perguntou porque precisava deles. Como já se disse, era um homem muito discreto.

«Åke Leander é um homem que ninguém, nem sequer o pessoal do Ministério dos Negócios Estrangeiros, consegue superar no que toca a contactos internacionais», costumavam dizer com malevolência ao vê-lo percorrer os corredores com passos medidos.

Seja como for, está visto que ninguém, nem mesmo ele, pôde prever o acesso de raiva que ia quebrar a calma.

Quando o primeiro-ministro concluiu a leitura da última página, levantou-se e aproximou-se de uma das janelas. Lá fora, as gaivotas esvoaçavam em todas as direções.

Tratava-se dos submarinos. Os malditos submarinos que durante o outono de 1982 haviam entrado supostamente em águas territoriais suecas, violando assim as fronteiras do país. No meio de todo o escândalo, a Suécia realizava eleições, e o presidente do Parlamento incumbira Olof Palme da tarefa de formar um novo governo, depois de o Partido Conservador ter perdido vários lugares e ficado em minoria parlamentar. A seguir à tomada de posse, o novo governo designou imediatamente uma comissão para que investigasse os acontecimentos relacionados com os ditos submarinos que não haviam sido forçados a emergir. Sven Andersson, o anterior ministro da Defesa, fora nomeado

presidente da comissão e acabara de apresentar o resultado do seu trabalho; Olof Palme tinha lido o relatório e não entendia nada: as conclusões da investigação eram incompreensíveis. Estava fora de si de raiva.

No entanto, vale a pena notar que não era a primeira vez que Olof Palme se enfurecia com Sven Andersson. Na realidade, a sua aversão remontava a um dia de junho de 1963, véspera do solstício de verão, em que um sujeito grisalho de cinquenta e sete anos, elegantemente vestido, fora detido na Ponte de Riksbron, no coração de Estocolmo. Tudo acontecera de forma tão discreta que ninguém que por acaso se encontrasse nas proximidades se dera a mínima conta. O homem detido chamava-se Wennerström, era coronel da Força Aérea e, a partir desse momento, fora desmascarado como espião a favor da União Soviética.

Ao mesmo tempo que Wennerström era detido, Tage Erlander, o primeiro-ministro sueco na altura, regressava a casa de uma viagem ao estrangeiro depois de desfrutar de uma das suas escassas semanas de férias num complexo turístico de Riva del Sole. Quando saiu do avião e se viu circundado pelos jornalistas, Erlander demonstrou a mais absoluta surpresa, pois ignorava quase por completo o assunto. Não sabia nada sobre a detenção, nem conhecia nenhum coronel Wennerström de caráter duvidoso da Força Aérea. Quando muito, o nome e as suspeitas talvez tivessem sido mencionados meramente de passagem em alguma das ocasiões em que o ministro da Defesa finalizava uma das suas reuniões irregulares com ele. No entanto, nada de gravoso tinha sido apresentado, nada para realmente ser tido em conta. As suspeitas da existência de espiões russos estavam sempre presentes, flutuando nas águas turvas da Guerra Fria. Daí que a resposta de Erlander para os jornalistas tenha sido pouco explícita: o homem que durante tantos anos seguidos, vinte e três para ser exato, tinha sido primeiro-ministro sueco ficou com cara de parvo sem saber o que havia de responder. Nem Andersson, o ministro da Defesa, nem qualquer outro político que estivesse ao corrente do assunto lhe tinham comunicado o que se estava a passar. Durante a última parte da viagem, um voo de pouco menos de uma hora entre Copenhaga e Estocolmo, teria podido inteirar-se minimamente do assunto escandaloso e preparar-se para o

confronto com os excitados jornalistas. Mas ninguém o recebeu nem o acompanhou na escala no aeroporto dinamarquês.

Embora nunca chegasse a vir a público, durante os dias imediatamente a seguir ao seu regresso, Erlander esteve a ponto de se demitir como primeiro-ministro e presidente do Partido Social-Democrata; nunca se tinha sentido tão desiludido com os seus colegas do governo. E Olof Palme, que já nessa altura começava a ser considerado como o seu sucessor, compartilhava óbvia e lealmente a indignação perante a negligência que levava Erlander àquela humilhante situação. Nos círculos próximos do governo costumava dizer-se que Olof Palme velava pelo seu mestre como um sabujo furibundo.

Olof Palme nunca conseguiu perdoar Sven Andersson por ter exposto Erlander a tamanho embaraço.

Muitas pessoas perguntaram-se mais tarde por que razão Olof Palme, apesar de tudo, convidara Sven Andersson para fazer parte do seu gabinete. Na verdade, não era muito difícil de compreender. Se tivesse tido outra hipótese, tê-lo-ia evitado, claro, mas simplesmente não era possível. Sven Andersson era um homem com muito poder e influência nas bases locais do partido; procedia de uma família da classe operária, ao contrário de Olof Palme, que tinha raízes na histórica nobreza báltica, entre cujos familiares se contavam oficiais — aliás, ele próprio era oficial na reserva —, mas, acima de tudo, pertencia à abastada classe alta sueca. Não tinha qualquer apoio das bases do partido; Olof Palme era um renegado, certamente que sério e sincero nas suas convicções políticas, mas, mesmo assim, um peregrino político forasteiro que tinha vindo numa visita vitalícia.

Åke Leander, que naquele momento caminhava pelo corredor em frente à porta do primeiro-ministro com um memorando escrito em termos pouco amistosos contra os funcionários que se descuidavam com o trancar das portas da secretaria do governo à noite, teve oportunidade de ouvir o irromper da raiva. Deteve-se por um breve instante antes de prosseguir como se nada tivesse acontecido.

Olof Palme era incapaz de conter a sua fúria. Dirigiu-se a Sven Andersson, que se encolhia no sofá cinzento do gabinete do primeiro-ministro. Estava ruborizado de raiva e agitava os braços em espasmos estranhos que eram característicos dos seus momentos coléricos.

— Não existem provas nenhuma! — gritou. — Não passam de alegações, insinuações, histórias subtis e mal contadas por oficiais desleais da Marinha. Esta investigação não nos ajudou a esclarecer seja o que for, pelo contrário, conduzir-nos-á diretamente aos terrenos lamacentos da política.

Um ano e meio antes, na noite de 28 de outubro de 1981, um submarino soviético tinha encalhado na baía de Gåsefjärden, ao largo de Karlskrona. Não eram tão-só águas territoriais suecas, mas também uma zona militar interdita. O submarino correspondia à designação de *U 137*, e o seu comandante, Anatoli Michajlovitj Gusjtjin, defendia que o submarino se desviara da rota devido a uma falha não identificada da bússola giroscópica. Oficiais da Marinha sueca e também os pescadores da região manifestaram a sua firme convicção de que só um comandante em estado de embriaguez extrema poderia cometer a proeza de se embrenhar tanto no arquipélago sem ter encalhado muito antes.

A 6 de novembro, o *U 137* foi rebocado para águas internacionais e desapareceu. Neste caso, ninguém punha em dúvida de que era um submarino soviético e que tinha violado as águas territoriais suecas. Por outro lado, nunca se esclareceu se se tratava de uma violação consciente ou se tinha sido obra de um comandante ébrio, mas uma vez que os russos se mantiveram sempre firmes em relação à versão da falha da bússola, interpretou-se isso como a confirmação de que o comandante estava, efetivamente, bêbedo. Evidentemente, nenhuma frota que se prezasse admitiria que um seu comandante estava embriagado no exercício das suas funções.

Na altura dispunha-se de provas, mas onde estavam essas provas agora?

O que o anterior ministro da Defesa tinha a apresentar a seu favor, e a favor da investigação, ninguém sabe. De facto, não guardou quaisquer anotações sobre o assunto, e Olof Palme, que morreu assassinado uns anos mais tarde, também não deixou nenhum testemunho escrito a esse respeito.

Åke Leander também não expressou qualquer opinião, nem oral nem escrita, sobre aquele acesso de raiva no gabinete do primeiro-ministro. Deixou o seu cargo em 1989, em vésperas do Ano Novo, e refugiou-se no seu apartamento e nas amizades radiofónicas. Recebeu

um reconhecimento caloroso do então primeiro-ministro, e ninguém teve qualquer sensação de que aparecesse sob forma fantasmagórica na secretaria do governo depois do outono de 1998, ano em que faleceu.

Foi, portanto, com esse acesso de raiva que tudo começou: esta história sobre as condicionantes da política, esta viagem pelos terrenos lamacentos em que a verdade e a mentira foram permutando de aparência até, finalmente, não haver maneira de esclarecer nada.